

## EDITORIAL

Embora os incessantes avanços da tecnologia e da ciência na atualidade tenham despertado renovados esforços de discussão filosófica acerca das inúmeras questões desafiadoras levantadas por eles, um olhar mais alargado para o passado nos mostra que essas duas dimensões da criatividade humana, juntamente com a da técnica, têm um longo histórico como objetos abarcados pela filosofia. Assim, nesta edição temática, a Revista *Philosophos* se dedica a trazer para seu público uma amostra bastante diversa e rica de artigos que contemplam esses esforços, mediante abordagens que vão desde o trabalho conceitual para delimitar os possíveis sentidos da ciência, da técnica e da tecnologia, passando por análises de algumas de suas distintas vertentes teórico-metodológicas – seja em suas especificidades próprias, seja em propostas de diálogos interdisciplinares –, ou ainda pelos desdobramentos éticos, as relações com a economia e os impactos políticos das atividades e dos produtos desenvolvidos nesses campos.

Em um mundo ainda “assombrado pelos demônios” de variadas formas de mistificações e negacionismos – para lembrar a expressão utilizada pelo célebre astrônomo Carl Sagan –, a ciência pode ser uma luz para dissipar as trevas, mas somente se ela não ficar fechada sobre si mesma, se os que a praticam estiverem realmente comprometidos com a ideia de que o conhecimento por eles gerado deve contribuir para o entendimento crítico da realidade, junto com o

combate aos problemas que afligem as sociedades humanas e os ambientes naturais que elas habitam. Sem isso, o forte brilho da ciência pode ser capaz de nos cegar como um clarão belo e incompreensível. O mesmo vale, a seu próprio título, para a técnica e a tecnologia, cujos progressos têm se mostrado uma fonte inesgotável de maravilhosas comodidades para facilitar nossas vidas, e ao mesmo tempo nos ameaçam com invenções dotadas do poder de tornar obsoleta nossa inteligência e até aniquilar seus criadores. Colocar tudo isso em perspectiva, esse é o papel da filosofia, isto é, o de levantar as perguntas difíceis e necessárias não apenas sobre a natureza daquilo que é feito nesses campos do saber e da engenhosidade, acerca de como se organizam em suas múltiplas manifestações históricas, de seus limites e transformações, mas igualmente sobre seus fins e o que representam para uma Terra em que a humanidade é tão-só uma – talvez a mais irrequieta, curiosa e criativa – das espécies viventes.

Cada um dos artigos desta edição colabora, à sua maneira, para o cumprimento desse papel essencial à filosofia, e por isso recomendamos ao público a leitura da coletânea.

Renato Moscateli  
Editor